

As amostras e a discussão dos resultados

Os sujeitos foram divididos em três grupos: grupo 1 – indivíduos sedentários; grupo 2 – praticantes de musculação; grupo 3 – praticantes sistemáticos de atividades esportivas, com exceção da musculação.

O grupo 1 foi formado por sujeitos que declararam não praticar qualquer tipo de atividade física regularmente, ou seja, com frequência média inferior a duas vezes por semana.

No grupo 2, a amostra foi composta por sujeitos que mencionaram praticar musculação com exclusividade ou associada a outras atividades esportivas, com frequência igual ou superior a duas vezes semanais.

Entre os esportes praticados pelos indivíduos do grupo 3 com a mesma frequência do grupo 2, encontram-se, principalmente, praticantes de: futebol, natação, corrida, caminhada, dança etc.

Assim, para os indivíduos que realizam mais de uma atividade esportiva serem incluídos no grupo 2, eles precisaram ter a musculação como uma dessas atividades, caso contrário foram inseridos no grupo 3.

A aplicação foi realizada com aproximadamente 300 sujeitos em três Universidades e em duas Academias de ginástica e musculação, todas localizadas no interior do Estado de São Paulo. Dos questionários válidos, isto é, referentes àqueles sujeitos que responderam a todas as questões, restaram 273 que seguem distribuídos na Tabela 2.

Em cada Universidade foi escolhido um curso, a saber: Educação Física, Direito e Administração de Empresas.

Tabela 2 Amostra base dos sujeitos para análise dos dados.

Cursos	Sujeitos	Gênero		Grupos		
	n	Masc.	Fem.	G-1	G-2	G-3
Ed. Física	142	83	59	34	46	62
Direito	70	30	40	49	3	18
Adm. Empresas	20	14	6	12	1	7
Academias	41	24	17	–	33	8
Total	273	151	122	95	83	95

Nota: – indica valor zero.

Os cálculos estatísticos referentes à aplicação das escalas foram realizados por meio do programa SPSS, versão 13.0.

Como as medidas de tendência central são um bom indicativo da presença de distribuição normal, sendo que para isso deve haver uma coincidência entre a média, a mediana e a moda (DANCEY, 2006, p. 89), constatou-se que a amostra não apresentou distribuição normal visto que os cálculos apontaram divergências entre essas medidas.

Dessa forma, foram utilizadas técnicas estatísticas não paramétricas para a análise dos dados desta pesquisa. A medida de tendência central utilizada pelos testes não paramétricos é a mediana, por ser considerada a mais apropriada para esse tipo de distribuição.

Em relação aos testes realizados nesta pesquisa, considerou-se estatisticamente significativo os resultados que tiveram um nível de significância de $p \leq 0,05$, ou seja, um percentual de 5% ou menos de a diferença encontrada entre os grupos decorrer de erro amostral.

Segundo Dancey: “Quando estabelecermos nosso critério para significância, devemos, portanto, fazer um balanço entre as possibilidades de cometermos erros dos Tipos I e II. Em muitas situações, um $p < 0,05$ fornece o ponto de equilíbrio” (Dancey, 2006, p. 160).

A princípio, trabalhamos com a hipótese de que o grupo 2 seria mais propenso a exprimir as pulsões voyeur, exibicionista e aderir aos padrões estéticos se comparado aos demais grupos.

Outra hipótese que pensamos foi a existência de correlação positiva entre as três escalas, isto é, as intensidades existentes em cada pulsão estariam correlacionadas entre si bem como em relação à adesão aos padrões.

Os cálculos estatísticos mostraram que o grupo 2 (praticantes de musculação) apresentou pontuação superior aos demais grupos em todas as escalas.

No entanto, somente na escala P, a diferença encontrada foi estatisticamente significativa, com $p < 0,04$ de os resultados decorrerem de erro amostral. Por outro lado, entre os grupos 1 (sedentários) e 3 (outras modalidades) não foram encontradas diferenças.

Assim, o grupo 2 (praticantes de musculação) apresenta uma maior tendência em aderir aos padrões estéticos quando comparado aos grupos 1 (sedentários) e 3 (praticantes de outras modalidades).

Um dos principais objetivos presentes na prática de musculação é justamente a aquisição de alguns dos padrões de beleza. Os praticantes de musculação aderem aos padrões não somente no sentido de apreciá-los, mas também com o intuito de adquiri-los para si.

A questão da beleza, aferida pela escala P, não tem tanta importância para os grupos 1 e 3 quando comparados com o grupo 2. Com relação ao grupo 3, em muitas das atividades físicas praticadas, como vôlei e futebol, que são esportes de equipe, a questão da aquisição da beleza não é prioritária.

Em relação à hipótese de que o grupo 2 tende a apresentar pulsões voyeur e exibicionista mais acentuadas quando comparado aos grupos 1 e 3, apesar de não ter sido aceita em termos estatísticos, o fato de os resultados terem mostrado uma mediana mais alta do grupo 2 nas escalas E e V, sugerem a importância de novos estudos com um maior número de critérios para a definição das variáveis independentes.

Para a análise dos dados desta pesquisa, por exemplo, não foi considerado o tempo de prática esportiva, nem a frequência semanal. Essas variáveis podem ser importantes no sentido de refletir a dimensão da importância atribuída pelos indivíduos em relação à forma física.

Uma delimitação mais precisa dos tipos de esportes praticados também pode ser útil, visto que atividades esportivas coletivas, como o futebol, tendem a evidenciar interesses mais relacionados ao entretenimento do que à estética. Outros esportes, como a caminhada, possivelmente mostram maiores preocupações dos indivíduos com a saúde.

Outras variáveis tiveram importância na análise dos dados. A variável gênero, por exemplo, foi determinante nos resultados obtidos na escala V. Os homens apresentaram mediana significativamente superior a das mulheres, com um nível de probabilidade associado de $p < 0,001$ de os resultados decorrerem de erro amostral.

Esses resultados nos levam a considerar que o voyeurismo ainda permanece como um fenômeno tipicamente masculino, apesar de todas as transformações ocorridas na vida sexual e afetiva da mulher acarretadas pelas diversas mudanças sociais, entre elas, aquelas proporcionadas pelo movimento feminista.

A maior liberdade que os homens tiveram no decorrer da história para expressar sua sexualidade, tornou-os menos inibidos, ou, em termos equivalentes, mais

suscetíveis de se excitarem com menores graus de estimulação sexual e de manter um interesse sexual constantemente desperto. A estimulação visual é considerada de menor grau em razão da relativa distância estabelecida entre sujeito e objeto.

Por muito tempo, devido a uma maior repressão imposta às mulheres, limitou-se a expressão de suas pulsões sexuais. A concepção do ato sexual visando apenas a reprodução foi mais intensa para a mulher visto que o seu destino já estava determinado para tomar conta do lar, do marido e da prole.

O discurso científico sobre as diferenças biológicas entre os gêneros em que o feminino era colocado como o sexo frágil, serviu de fundamento para a distribuição desigual dos papéis sociais que tornava a mulher extremamente submissa ao homem. Impedida de atuar no espaço público, restava à mulher uma vida restrita à vida privada e conseqüentemente sobravam poucas oportunidades de conhecer outras pessoas e ter novas experiências. Para Laqueur:

As reivindicações universais por liberdade e igualdade humana durante o Iluminismo não excluía inerentemente a metade feminina da humanidade. A natureza tinha de ser buscada se os homens quisessem justificar o seu domínio na esfera pública, cuja distinção da esfera privada figuraria cada vez mais em termos da diferença sexual. (Laqueur, 2001, p. 242)

A visão de fragilidade difundida pela cultura e que as mulheres incorporavam, refletia-se na canalização das pulsões sexuais. Apesar de o prazer feminino obtido pela estimulação do clitóris ser reconhecido pela ciência, durante muito tempo foi considerado de menor intensidade que o prazer masculino.

A virilidade, em termos de força e potência, quase sempre foi concebida como uma característica exclusivamente masculina. Já a característica essencial presente na expressão da libido feminina era o amor sublimado, inibido em sua finalidade sexual e voltado para a manutenção dos laços familiares.

Como o homem vivia simultaneamente nas esferas pública e privada, abriam-se vários espaços para a atuação de sua libido em razão do maior número de objetos com que podia se relacionar.

Para ele, era possível a realização das duas dimensões do amor: a profana, oriunda dos espaços públicos mediante relações extraconjugais dos mais variados tipos, marcadas principalmente pela volúpia; e a sagrada, presente na privacidade familiar em que a união estável garantia a estabilidade afetiva entre os seus membros. Na maioria das vezes, a mulher é quem foi mais cobrada pelo respeito e preservação da monogamia.

Ao reivindicar o direito de igualdade em relação aos homens nas diversas áreas da vida, o movimento feminista revolucionou os papéis sociais exercidos pelas mulheres na sociedade ocidental, apoiado pelo próprio avanço da ciência.

O aparecimento da pílula anticoncepcional na década de 1960 foi um marco na história da humanidade. A necessidade de um maior controle da natalidade familiar colocou o sexo, principalmente em relação à mulher, como elemento de prazer que poderia ser experimentado independentemente da função reprodutiva.

Apesar de toda a liberalização sexual experimentada atualmente pelas mulheres, as conquistas proporcionadas pelo movimento feminista é recente e ainda entra em conflito com alguns valores culturais tradicionais que são menos tolerantes em relação à liberdade sexual das mulheres. Nesse sentido, ainda podem ser encontradas diferenças na formação dos gêneros em termos de sexualidade.

Na sociedade atual, muitos dos valores atribuídos para determinados comportamentos apresentados pelos gêneros são distintos, principalmente em termos de sexualidade. Os próprios nomes dados a quem não observa a monogamia, por exemplo, revela essa tendência: homens que saem com várias mulheres são chamados de “ganhões” enquanto mulheres, “galinhas”. A conotação desses termos não deixa dúvidas que o julgamento é fundamentado por dois pesos e duas medidas.

O homem é estimulado desde a mais tenra idade a pensar o relacionamento sexual como um meio para afirmação de sua virilidade, independentemente de se sentir atraído afetivamente por alguém. Muitos pais ainda adotam uma espécie de ritual de passagem quando o filho se torna adolescente, levando-o a prostíbulos para retirar a sua virgindade.

Por outro lado, a mulher tem uma formação distinta que se relaciona bastante com a questão da maternidade. As próprias brincadeiras infantis femininas, como o trato com bonecas, refletem como a maternidade é valorizada precocemente na vida das mulheres.

Apesar de a mulher estar se iniciando cada vez mais cedo na vida sexual, o processo que está em jogo não é tanto o de aprovação de sua feminilidade.

No geral, a questão mais importante está no fato de encontrar alguém para amar e ser amada a fim de ter a segurança necessária que garanta futuramente a constituição de uma família e consequentemente concretize o antigo sonho de ser mãe. Para a mulher, o sexo é consequência, não prioridade. Dessa forma, ela entra de forma distinta no relacionamento afetivo, isto é, tende a não cindir demais o sexo da afetividade.

Porém, a crescente ocupação dos espaços públicos pelas mulheres, principalmente com a sua atuação nas diversas áreas profissionais que antigamente eram destinadas apenas aos homens, tem lhes possibilitado uma maior independência econômica e uma maior autonomia em relação aos homens.

Em muitos aspectos, a formação da mulher tornou-se semelhante à masculina, pois, uma de suas características é prepará-la para a competitividade exigida pelo mercado de trabalho.

A essência da esfera pública não se modificou, apesar de agora também estar sendo ocupada por mulheres. O que mudou foi a estrutura psíquica feminina que precisou se adaptar às exigências do âmbito público cujas características são fundamentalmente masculinas.

Neste sentido, a sociedade está passando por um momento de transição. A modificação dos papéis sociais das mulheres, implica em alterações psíquicas e desse modo é provável que elas também comecem a separar com mais frequência sexo e afeto.

Contudo, essa cisão, remanescente de épocas pretéritas, evidencia-se com maior intensidade no gênero masculino e os resultados da escala V é um dos elementos que apontam para isso.

É importante lembrar que durante muito tempo foi concedido ao homem o direito não explícito de ter duas mulheres: a companheira, mãe de seus filhos pela qual ele desenvolvia o amor afetivo (amor – Ágape); e a amante por quem ele tinha intensa atração sexual e podia realizar suas fantasias sem pudor (amor – Eros).

A percepção visual masculina, seja diante do nu ou do seminú, torna-se uma significativa fonte de excitação sexual por dispensar a constituição de outros tipos vínculos com o objeto, que seriam importantes para o prazer feminino, como a segurança proveniente de um relacionamento emocional e economicamente estável.

A apreciação da beleza para a mulher é fundamentalmente estética, enquanto para o homem é predominantemente sexual. São diferentes experiências entre os gêneros: quando uma mulher acha um homem bonito não significa que deseje necessariamente possuí-lo em termos sexuais, porém, no caso do homem, quando ele olha para uma mulher, isso é muito comum acontecer. Mas como, na maior parte das vezes, o homem não pode acessar efetivamente o objeto, a satisfação desse desejo torna-se auto-erótica, podendo ser acompanhada da masturbação.

É certo também que com todas as transformações ocorridas na vida sexual dos indivíduos, temos hoje maiores possibilidades de o amor direcionado pelo homem em relação a sua esposa, acoplar essas duas dimensões do amor: Ágape e Eros. Além do que, a realização do amor Eros ou do prazer sexual tem se tornado uma exigência feminina. Para a mulher contemporânea, além de ser pai, o homem também deve ser um bom amante.

Apesar de a variável gênero ter exercido uma certa influência na escala E, em que as mulheres apresentaram mediana superior aos homens, o nível estatístico de significância encontrado ($p < 0,10$) não nos permite afirmar, com uma margem de erro segura, que existam efetivamente diferenças entre os gêneros na referida escala.

Esse índice é um pouco elevado em termos estatísticos para afirmarmos que existe uma efetiva diferença entre os gêneros. Porém como ele está relativamente próximo do critério estabelecido ($p < 0,05$), é necessário não descartar totalmente a possibilidade de os gêneros diferirem na expressão das pulsões exibicionistas.

O exibicionismo, como pudemos ver na parte teórica, também era uma manifestação tipicamente masculina e a sua conceituação se baseava exclusivamente na exposição dos órgãos genitais.

Com a crescente apropriação comercial das pulsões voyeur mediante a veiculação de inúmeros produtos destinados a explorá-las, as mulheres começaram a expor o seu corpo com maior frequência no espaço público. Tal exposição iniciou-se nas diversas produções da indústria cultural e se estendeu posteriormente para os ambientes públicos em geral. Das passarelas, passando pelas telenovelas e chegando às folhas das revistas pornográficas, criou-se um modelo de mulher fálica em que o público feminino começou a se espelhar.

Assim o corpo da mulher passou a ser um objeto extremamente valorizado na cultura atual e os diversos ornamentos que o revestem, como roupas, tatuagens, piercings, entre outros, serviram para realçá-lo frente ao olhar masculino, incitando o desejo sexual.

Interessante observar o termo “mulher fálica”, pois, essa é uma das condições que distingue a mulher atual do perfil feminino existente no século dezenove, no sentido de exprimir uma forte aproximação da mulher aos valores culturais masculinos. Toda a repressão que envolvia a mulher do referido século fez com que ela se colocasse em uma posição passiva diante do desejo masculino, quanto ao fato de ser iniciativa masculina o investimento e cortejo da mulher.

A sedução decorria mais de um processo imaginativo do homem do que uma atitude tomada pela própria mulher, pois, as fantasias masculinas tinham o poder de excitá-lo.

É compreensível que o prazer voyeur tenha se constituído sem a atuação direta da mulher, pois a concretização desse prazer dependia do não conhecimento do objeto em estar sendo observado.

Na cultura atual, o papel da mulher muda significativamente. De mero objeto observado, a mulher se torna agente do jogo sedutor presente no olhar. Apesar de poder dissimular, o fato de a mulher saber que está sendo observada por alguém, faz com que atue intencionalmente a fim de incitar o prazer voyeur.

As poses sensuais, o requebrado do andar, as roupas extravagantes são alguns exemplos que não deixam dúvidas sobre os artifícios utilizados para a sedução. Assim, havia uma realidade social bem distinta quando a teoria psicanalítica trabalhou o conceito de exibicionismo.

Tendo em vista que em termos estatísticos não foram encontradas diferenças significativas entre os gêneros na escala E e como a maioria das questões tratam do prazer em exibir formas corporais padronizadas, independentes da exposição dos genitais, pode-se considerar que a aquisição da beleza física também tem se tornado importante para os homens.

A questão que agora faço é a seguinte: para quem efetivamente o homem quer se tornar belo se as mulheres não valorizam tanto a beleza como objeto de atração sexual, considerando o resultado obtido pelo gênero feminino na escala V? Em outras palavras, por que a beleza tem se tornado tão importante para o homem, a ponto de exigi-la do objeto e reivindicá-la para si?

Possivelmente, a adesão dos homens aos padrões estéticos não decorre somente da atuação da pulsão voyeur, representada pela exigência estética ao seu objeto, mas também, mediante a atuação da pulsão exibicionista como meio para chamar a atenção.

Em razão de o homem se sentir muito atraído pelas formas corporais, há também a possibilidade de acreditar que a beleza provoque uma atração sexual nas mulheres, semelhante a que ocorre nele.

No entanto, seria no mínimo estranho esse desconhecimento por parte dos homens, pois, no mundo atual, existe mais espaço para o diálogo entre os gêneros e uma infinidade de matérias veiculada na mídia sobre as preferências femininas em relação às características masculinas. Dessa forma, a crença anteriormente citada pode ser uma forma de disfarce criado pelo ego a fim de se defender de um motivo mais forte que está por trás da vaidade do homem e que ele resiste em reconhecer.

Penso que exista um outro aspecto referente a esse interesse em chamar a atenção: trata-se de uma questão narcísica e homossexual, pois, de maneira similar às mulheres, a admiração dispensada por indivíduos do mesmo gênero também é importante para os homens, apesar de não reconhecê-la.

A auto-confiança dos indivíduos se baseia muito na forma como os outros lhe dirigem o olhar. A atenção e a inveja despertada por um par de bíceps definido em alguém, pode contribuir para sua auto-afirmação.

A disputa no campo psíquico parece começar dentro do mesmo gênero. Uma vitória, em termos de reconhecimento, perante o seu grupo, parece ser uma condição importante para, posteriormente, auto-afirmar-se diante do gênero oposto.

A necessidade do amor homossexual não é apagada da psique. Esse amor, que é impedido de se concretizar sexualmente, realiza-se de maneira sublimada na admiração de formas físicas ou de atributos intelectuais realizadas entre indivíduos do mesmo gênero.

Sem dúvida que isso também ocorre entre as mulheres, mas só que de maneira distinta, pois a elas é permitido expressar sentimentos de afinidade diante do mesmo gênero com maior facilidade. Uma mulher que chama a outra de bonita não é tão recriminada se comparada a um homem que exprime esse mesmo sentimento em relação ao outro.

Um exemplo que ilustra a importância do reconhecimento da mulher no interior de seu grupo, é a questão da magreza. Essa característica que é o padrão

estético das modelos de passarela, não é muito apreciada pelo público masculino, porém, é extremamente valorizada entre as mulheres.

Assim, apesar de não ser uma característica importante para despertar a atenção dos homens, muitas mulheres insistem na manutenção desse padrão, até chegar a pontos extremos, como a anorexia.

No caso dos homens, a forma física caracterizada pela hipertrofia muscular não é tão apreciada pelo gênero feminino, mas mesmo assim alguns indivíduos investem muito para adquirir esse padrão, chegando até mesmo a comprometer a saúde mediante o uso de anabolizantes.

Em relação à escala P, a variável gênero não influenciou os resultados. Isso mostra que homens e mulheres têm aderido aos padrões estéticos com a mesma intensidade. Essa adesão manifesta-se em termos de uma maior importância atribuída a determinados padrões difundidos pela indústria cultural e que em parte são oferecidos pelas academias.

Apesar de parte dos itens da escala V não explicitar a que padrões estéticos correspondem, não há dúvidas de que a maior parte dos estímulos destinados a incitar o prazer voyeur são caracterizados pelos padrões estéticos vigentes.

Para se tornar atrativo, o objeto a ser investido pela percepção visual deve possuir determinadas características que chamamos de padrões estéticos. A correlação significativa encontrada entre as escalas V e P (0,52) mostra que sujeitos com maior propensão ao voyeurismo tendem a aderir com maior força aos padrões estéticos. As correlações entre as escalas segue descrita a seguir.

Tabela 3 Coeficientes de correlação bivariada de Spearman- ρ e Pearson- r .

Escalas	V- ρ	V- r	E- ρ	E- r	P- ρ	P- r
V	1,00	1,00	0,46*	0,45*	0,52*	0,51*
E	0,46*	0,45*	1,00	1,00	0,49*	0,51*
P	0,52*	0,51*	0,49*	0,51*	1,00	1,00

* correlação significativa para $p < 0,01$

Na escala P, a adesão dos indivíduos aos padrões estéticos pode se manifestar das seguintes formas: na simples apreciação da beleza, sem a presença do desejo de ter ou ser como o objeto; no desejo de possuir determinado objeto, com essas características, para fins de relacionamento sexual ou utilizá-lo como estímulo para uma satisfação auto-erótica; na apresentação de comportamentos miméticos, relacionados ao interesse de obter para si os padrões estéticos apresentados pelo objeto.

Essas três características referentes à adesão aos padrões não são excludentes e podem se apresentar simultaneamente. O que pode indicar a presença mais intensa de uma ou de outra dessas características são os resultados obtidos pelos indivíduos nas escalas V e E.

Considerando os resultados dessas duas escalas, uma das possíveis diferenças entre os gêneros frente aos padrões estéticos decorre do fato de os homens apresentarem principalmente a segunda e a terceira características anteriormente mencionadas – exigência dos padrões no objeto para apreciação e aquisição dos padrões para exibição – enquanto as mulheres apresentam, predominantemente, apenas a primeira e a terceira características.

Tanto é procedente essa explicação, que ao realizar o teste de correlação parcial entre as escalas V e E com o controle da variável gênero, houve alteração do coeficiente de correlação dessas escalas que aumentou de $r = 0,45$ para $r = 0,55$, com um nível de significância $p < 0,001$.

A razão desse aumento correlacional deve-se à diferença apresentada pelos gêneros na escala V, em que o prazer do olhar se mostrou com menor intensidade nas mulheres.

Ao se vincular aos padrões, constituindo-os como objetos de investimento libidinal, as pulsões do olhar ganham materialidade para assim se expressarem por meio de comportamentos específicos que são nomeados de voyeur e exibicionista.

Devido ao seu caráter, *a priori*, imaterial, o acesso às pulsões somente é possível quando elas se articulam a determinados objetos. Assim, o estudo das pulsões deve ser feito em situações sociais concretas, tal qual se apresentam neste estudo.

A relação complementar das pulsões voyeur e exibicionista ocorre primeiramente em relação ao próprio sujeito. A sedução antes de mais nada é uma sedução narcísica. Para tentar encantar o outro, o sujeito deve se sentir encantado por si mesmo.

Na psique, essas pulsões atuam como se fosse um jogo de espelho. Antes de sentir suficientemente atraente para se expor ao objeto, o sujeito tem que direcionar o olhar para si e sentir prazer com a sua imagem refletida. Mas para conseguir ver a si mesmo, o sujeito tem que, primeiramente, exibir-se para si, como se estivesse diante de um espelho.

Esse espelho é simultaneamente social e psíquico, ou seja, na formação da auto-imagem subjetiva há uma conjugação dos fragmentos imagéticos devolvidos ao sujeito pelas diversas pessoas que o rodeiam, com a forma em que ele apreende essas imagens. Basicamente a auto-imagem é o resultado da síntese realizada pelo sujeito frente aos fragmentos imagéticos recebidos objetivamente.

O olhar que avalia a auto-imagem é mediado pelos padrões estéticos vigentes cujos representantes, na sociedade atual, são os modelos da indústria cultural. Nesse sentido o conceito de pulsão mostra toda a sua força, pois, os prazeres do olhar se configuram nessa relação entre as fontes psíquicas e os representantes da cultura.

Em razão de os homens estarem se tornando mais vaidosos já era de se esperar uma adesão aos padrões estéticos, não somente em termos de exigência estética ao seu objeto, mas também como uma necessidade de adquirir os padrões para se mostrar diante dos objetos.

Essa última dimensão está associada à adesão aos padrões estéticos por parte dos homens, em razão de não ter ocorrido diferenças significativas entre os gêneros na escala E.

A relação dos gêneros com os padrões estéticos se apresenta de diferentes formas. A mulher cobra mais de si o enquadramento aos padrões enquanto o homem, com maior frequência, exige da mulher essa adesão. Exigência que se dá em razão de o homem ser mais suscetível ao prazer voyeur.

No entanto, como o homem começou também a exigir de si essa adequação aos padrões, essa cobrança tem sido experimentada de diversas formas pelos dois gêneros. Entre elas poderíamos citar: uma necessidade exacerbada de se adequar aos padrões estéticos, sentimentos de vergonha em expor o corpo e culpa por não estar dentro de tais padrões.

Conforme mencionado na parte teórica desse trabalho, em razão de haver atualmente uma reduzida incorporação das autoridades por parte do sujeito, o superego tem se constituído de forma extremamente debilitada e o sentimento de culpa gradativamente tem sido substituído pela vergonha. A identificação com os modelos é superficial, no sentido de serem substituídos facilmente por outros que estejam na moda.

No entanto, por estarmos em um momento histórico que reduz a moral a uma moral estética em que o bem e o mal passa a ser uma questão de beleza e feiúra, podem-se notar aqui fragmentos de uma nova configuração do superego que limita o sentimento de culpa a juízos estéticos heteronômicos.

Quando esse sentimento de culpa é forte suficiente nos indivíduos que aderem tenazmente aos padrões estéticos, pode existir uma intensificação das diversas formas de atuação da pulsão de morte. Entre alguns exemplos, podem-se citar: a ingestão de hormônios para aumentar a massa muscular, apesar de toda evidência científica do alto risco de câncer causado pelo uso dessas drogas; e uma das mais evidentes formas de atuação da pulsão de morte envolvente da culpa estética, que é a anorexia.

Fenômeno tipicamente feminino mas que atualmente também tem atingido aos homens, na anorexia a relação com a beleza se desloca para o interior do sujeito, ou seja, há uma regressão da libido em que ela deixa de se dirigir aos objetos e passa a ser investida no próprio sujeito (libido narcísica).

O indivíduo com anorexia não acredita mais naquilo que o outro lhe diz. Para o anorexo, sua única verdade é uma auto-imagem deturpada que o leva a se punir a todo momento, por se achar gordo.

A anorexia fixa-se em um dos padrões mais fortes existentes no mundo atual que é o ideal da magreza. Apesar de estar leve como uma pena, a auto-imagem que o sujeito tem de si é completamente oposta. Cada vez que ele se olha no espelho, a sua consciência deturpa a imagem refletida e com isso emerge o sentimento de culpa, por se considerar fora dos padrões de beleza.

Sentimentos de culpa consequentemente provocam necessidade de punição, que no caso da anorexia é representada principalmente pela inanição. É difícil convencer o sujeito de que ele se pune para atenuar a culpa sentida pelo seu fracasso em se adequar aos padrões, visto que o fato de não comer é racionalizado como ausência de apetite. A culpa é tão grande que o sujeito sequer se permite sentir fome.

Consequentemente temos a formação de um círculo vicioso porque quanto mais o indivíduo se pune ao deixar de ingerir alimentos, mais se sente fracassado em virtude de continuar a ver sua imagem como a de uma pessoa obesa. É importante mencionar que a anorexia, frequentemente, acomete indivíduos com uma faixa etária baixa.

Em relação à variável idade, apesar de não ter apresentado um nível de probabilidade significativo de influência nos resultados, ela também não pode ser descartada nos estudos desses fenômenos, com exceção da escala V cujo índice de probabilidade associado ao erro amostral foi de $p < 0,86$.

Nas demais escalas, os índices de probabilidade associados de que indivíduos com faixa etária até 25 anos apresentem escore superior àqueles acima de 25 anos, foram os seguintes: escala E, $p < 0,06$ e escala P, $p < 0,10$.

Dessa forma, em outros estudos, seria importante uma maior delimitação nas faixas etárias, pois, se, com apenas duas faixas,¹ os índices de probabilidade associados nas escalas E e P estiveram próximos do critério de significância estabelecido ($p < 0,05$), eles tenderão a diminuir ainda mais se for feito um maior número de divisões etárias.

1 Os sujeitos foram divididos em duas faixas etárias: até 25 anos e acima de 25 anos.

Considerações finais

O fato de as escalas desta pesquisa, como a maioria daquelas que provém das ciências humanas, serem ordinais ou de 2º nível de mensuração, não nos permite precisar quanto as pulsões e a adesão aos padrões estéticos diferiram em relação às variáveis independentes destacadas para a análise dos dados, a saber: grupo, gênero e idade. Entretanto, pudemos observar que algumas diferenças entre as variáveis foram estatisticamente significantes enquanto outras não.

Por si só, o índice de tendência central – mediana –, utilizado para o teste de hipóteses, não dá elementos suficientes para afirmar se há uma exacerbação ou redução do voyeurismo, exibicionismo e adesão aos padrões estéticos entre os sujeitos, que, conseqüentemente, poderiam contribuir para o aparecimento de patologias físicas e psíquicas

No entanto, os resultados das escalas e a análise teórica deram alguns indícios da tendência desses fenômenos, isto é, apontaram a existência de diferenças em algumas variáveis que merecem ser aprofundadas mediante novas pesquisas.

A análise dos dados suscitou o levantamento de questões que não haviam sido formuladas durante a elaboração projeto da pesquisa. Uma delas refere-se à diferença entre os gêneros quanto à expressão das pulsões voyeur.

A configuração da beleza na percepção subjetiva ocorre mediante a atuação das pulsões do olhar, sendo que a apreciação e a exibição do belo são os comportamentos que refletem a conjunção dessas pulsões com as formas estéticas provenientes do objeto.

Os resultados das escalas mostraram que a beleza é importante para os dois gêneros, porém, existem diferenças significativas quanto aos aspectos enfatizados por cada um deles.

Para o homem, a beleza física não é um mero objeto de apreciação, no sentido estrito de lhe atribuir juízos estéticos. O vínculo estabelecido com o objeto é marcado pelo desejo de posse.

Como o homem tende a cindir sexo de afeto, tal desejo é fragmentado em razão de se caracterizar fundamentalmente por uma atração de cunho sexual, ou seja, o interesse é marcado por relações passageiras, sem o estabelecimento de intimidade, apenas com intuito de dar vazão às pulsões sexuais.

Em razão de, para se manifestar, a pulsão voyeur prescindir do contato efetivo com o objeto, esse tipo de satisfação se concretiza, frequentemente, por meio de formas auto-eróticas.

As regras sociais que enfatizam a monogamia como princípio norteador das relações afetivas, não têm sido fortes o suficiente para apagar os vestígios remanescentes de uma cultura patriarcal mais permissiva em relação ao número de parceiros sexuais que o homem poderia ter.

Dessa forma, o voyeurismo constitui-se como uma espécie de acordo realizado entre a sociedade e os indivíduos, no sentido de lhes permitir, simultaneamente, o prazer do gozo com vários objetos, mediante práticas auto-eróticas, e a obediência à monogamia.

Em decorrência de se ter encontrado maior intensidade da pulsão voyeur nos homens, a beleza torna-se um dos principais artifícios para a mulher atrair a atenção masculina e com isso realizar o jogo da sedução.

Vale lembrar que, na expressão das pulsões exibicionistas, além de as mulheres não terem diferido dos homens, os resultados obtidos mostraram até uma certa chance de elas suplantá-los. No entanto, essa hipótese não foi confirmada estatisticamente.

Considerando o fato de se ter encontrado o mesmo grau de pulsão exibicionista entre homens e mulheres e sendo que essas últimas não valorizam tanto a beleza como elemento de atração sexual, pensou-se em uma outra característica dessa pulsão, ainda mais forte que a anterior e que se aproxima das definições tradicionais do exibicionismo.

A pulsão exibicionista além de funcionar como elemento para atrair o desejo de um objeto heterossexual, também apresenta uma dimensão narcísica cujo objetivo se relaciona ao fato de ser admirado e causar impacto no objeto mediante a exibição de atributos físicos.

Nesse sentido, a função da exibição da beleza não é a conquista do objeto, mas sim uma disputa entre indivíduos do mesmo gênero para saber quem é, supostamente, o mais belo. Na concepção masculina, a beleza se relaciona muito com a questão da força. Músculos hipertrofiados têm tornado-se símbolos de virilidade e de reconhecimento da masculinidade entre os homens. Já para as mulheres, a magreza é a vedete estética.

Hipertrofia muscular e magreza, duas características admiradas dentro de um mesmo gênero, mas que não são tão importantes na avaliação do gênero oposto. Nesse sentido, o exibicionismo atua como um meio de satisfação auto-erótica. O prazer está na conquista do olhar do objeto e não no próprio objeto, ou seja, o desejo restringe-se ao fato de chamar a atenção das pessoas.

Sabe-se que esses dois padrões estéticos quando levados a extremos podem desencadear alguns tipos de doenças como as decorrentes do uso de anabolizantes e da falta de ingestão alimentar.

Essas questões fizeram parte do problema da pesquisa, mas como a amostra não foi composta por usuários de anabolizantes ou indivíduos anoréxicos, sugiro a realização de novos estudos englobando esses sujeitos a fim de compará-los com outros grupos que teoricamente apresentariam as pulsões do olhar com menor intensidade e adeririam menos aos padrões estéticos.

É importante mencionar que o movimento feminista mediante suas reivindicações de igualdade dos direitos entre os gêneros, contribuiu significativamente para uma identificação das mulheres com alguns valores culturais masculinos. Tal fato fez com que elas começassem a apresentar comportamentos tipicamente masculinos, como a separação entre sexo e afeto.

Os papéis sociais dos gêneros estão passando por um grande processo de transição. Como as condições objetivas têm propiciado às mulheres, de maneira geral, a identificação com o modelo masculino de personalidade e com isso, resultado em uma maior liberdade nas diversas áreas da vida, inclusive no próprio campo sexual, a diferença apresentada na escala V entre os gêneros tende a diminuir.

Atualmente, como se encontram muitos comportamentos que eram difíceis de serem apresentados pelas mulheres no passado, como: traição conjugal, relações sexuais com grande número de parceiros e perda da virgindade antes do casamento, seria razoável a suposição do aumento da excitação visual nas mulheres em um futuro próximo.

A pulsão voyeur, apresentada pelas mulheres antes do movimento feminista, poderia ser ainda menor em virtude da forte repressão a que estavam submetidas. Apesar de a diferença encontrada entre os gêneros na escala V, possivelmente, a mulher atribui, nos dias de hoje, uma maior importância à beleza no sentido de se sentir atraída sexualmente.

Porém, o fato de os homens valorizarem muito a beleza como elemento de atração sexual, faz com que também acreditem na importância dos aspectos físicos para as mulheres se sentirem atraídas por eles. O que é um auto-engano, pois, conforme podemos ver nos resultados da escala V, a questão da beleza não é tão importante para as mulheres como é para os homens, em termos de atração sexual.

Como foi visto ao longo desta obra, existem várias formas de as pulsões do olhar se manifestar, desde aquelas relacionadas diretamente com a exposição dos genitais até as que se referem a um prazer sublimado, representado pelas obras de arte.

O culto ao corpo que se situa entre esses dois extremos – pulsão sexual e pulsão sublimada inibida em sua finalidade original – pode ser concebido como uma forma de expressão dessas pulsões com forte presença na atualidade, pois, no final do século XIX e parte do XX, pelo menos nas sociedades civilizadas, as pulsões do olhar eram fundamentalmente direcionadas para aspectos sexuais e artísticos. Enquanto o segundo aspecto era valorizado socialmente, o primeiro era marginalizado, em razão de ser considerado obsceno.

Mas a liberdade aparentada por meio da exibição corporal mostra a sua fragilidade no momento em que a noção de pecado em mostrar o próprio corpo foi substituída pela vergonha ou culpa de não se ter as formas físicas padronizadas e cultuadas pela sociedade contemporânea.

Referências

- ADORNO, T. W. 1969. *Intervenciones: nueve modelos de crítica*. Caracas: Monte Avila Editores.
- _____. 1971. “A indústria cultural”. In: *Comunicação e Indústria Cultural*. Org. Gabriel Cohn. S. Paulo: Companhia editora nacional.
- _____. 1993. *Mínima moralia*. 2ª edição. São Paulo: Ática.
- _____. 1995. *Palavras e sinais – modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes.
- _____. et al. 1965. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires, Editorial Proyección.
- ANDRESEN, S. M. B. 1992. *O nu na antiguidade clássica*. 3ª edição. Lisboa. Caminho.
- BOLOGNE, J. C. 2006. *A intimidade compartilhada*. In: História Viva, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.
- CROCHÍK, J. L.. 1999. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista*. Tese de Livre-Docência. São Paulo. IPUSP.
- DANCEY, C. P., REIDY, J. 2006. *Estatística sem Matemática para Psicologia*. 3ª edição. Porto Alegre. Artmed.
- DEL PRIORE, M. 2006. *Pureza e pecado ao sul do Equador*. In: História Viva, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.

- EDMONDS, A. 2002. *No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- FOUCAULT, M. 2001. *O nascimento da clínica*. 5ª edição. 1ª reimpressão. Forense Universitária.
- FREUD, S. 1972. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Vol. VII edição standard brasileira das obras completas de Freud. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago
- _____. 1996. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Vol. XVIII edição standard brasileira das obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. 1997. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. 2002. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.
- GÊNESIS, 1988. *A Bíblia Sagrada na linguagem de hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- _____. 1993. *Bíblia Sagrada*. 2ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- GOLDENBERG M., RAMOS, M. S., 2002. *A civilização das formas: O corpo como valor*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W., 1985. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva
- KAPLAN, I. H., SADOCK, B. J. 1999. *Tratado de Psiquiatria*. Vol. 2: 6ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- KRAFFT-EBING, R. V. 2001. *Psychopathia sexualis*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. -B. 1998. *Vocabulário da Psicanálise*. S. Paulo: Martins Fontes.
- LAQUEUR, THOMAS. 2001. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LASCH, CHRISTOPHER. 1983. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- LEVIN, JACK. 1987. *Estatística aplicada a ciências humanas*. 2ª edição. São Paulo: Editora Harbra.
- MALYSSE, S. 2002. *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- MARCUSE, H. 1979. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- _____. 1999. *Eros e civilização*. 8ª edição. Rio de Janeiro: LTC editora.
- MELCHIOR-BONNET, S. 2006. *Em nome de Deus, mas com restrições*. In: História Viva, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.
- MILLS, C. WRIGHT. 1969. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- NORONHA, H. 2006. *ABC da cirurgia plástica*. In: Revista Viva Saúde – on line. Novembro / 2006. Editora Escala. Site: <http://revistavivasauade.uol.com.br/Edicoes/0/artigo7233-1.asp>
- ORFALI, K. 2006. *Um modelo de transparência: a sociedade sueca*. In: História da vida privada – 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- PROST, A. 2006. *Fronteiras e espaços do privado*. In: História da vida privada – 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- RICKLES, N. K. 1950. *Exhibitionism*. United States of América: J. B. Lippincott Company.

SILVA, M. R. S. 2004. *Voyeurismo: A exploração da pseudo-intimidade*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC.

SPITZER, R. L. et al. 1996. *DSM-IV – Casos clínicos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Itens das escalas

Escala V: voyeurismo

- 1 – Uma das coisas mais interessantes da Internet são os sites que mostram pessoas totalmente nuas.
- 2 – Deveria haver no mercado um maior número de revistas sensuais que mostrasse pessoas seminuas.
- 3 – Tenho muita excitação quando vejo fotos de pessoas em poses sensuais.
- 4 – Diante do crescimento das doenças sexualmente transmissíveis, acho mais excitantes as imagens sensuais do que o relacionamento sexual.
- 6 – Prefiro observar um corpo malhado a namorar uma pessoa feia fisicamente.
- 7 – Em uma relação sexual, teria mais prazer em ver o meu (minha) parceiro(a) se despindo do que no próprio relacionamento.
- 8 – Gosto de ver vídeos que mostram pessoas tendo relacionamentos sexuais.
- 11 – Para mim, o principal atrativo das academias são as pessoas com o corpo sarado.
- 14 – É mais prazeroso acessar sites de imagens sensuais do que perder tempo em conhecer pessoas diretamente.
- 17 – Acho muito importante as fotos sensuais porque dificilmente consigo me excitar somente com a imaginação.
- 18 – Quanto mais explícitas são as imagens eróticas maior é a minha excitação.
- 20 – Adoro ver sites que mostram pessoas com roupas sensuais.

Escala E: exibicionismo

- 1 – Se for para manter a boa forma, passo vontade de comer coisas que adoro.
- 2 – Adoro mostrar minha forma física.

- 4 – Gosto muito de usar roupas sensuais para chamar a atenção das pessoas.
- 6 – A admiração que as pessoas têm por um corpo malhado compensa a realização de rígidas dietas.
- 7 – As lesões físicas não são problemas se considerarmos a beleza adquirida por meio de intensas práticas esportivas.
- 8 – Se estou em forma, tenho enorme prazer em tirar a camisa ou colocar biquíni para mostrar o meu corpo.
- 9 – A aparência física é minha principal aliada para chamar a atenção das pessoas.
- 10 – Para mim, em uma festa, é mais importante ser notado por várias pessoas do que conhecer alguém de maneira mais íntima.
- 11 – Se for para eu ir a um lugar público e não chamar a atenção, prefiro não ir.
- 12 – Sinto tanto prazer quando as pessoas admiram meu corpo que os contatos íntimos acabam sendo menos importantes.
- 13 – Sentiria-me muito bem se tivesse liberdade para ficar nu nos espaços públicos.
- 15 – Uma das minhas fantasias é transar em público.
- 18 – Teria mais prazer em ficar nu diante do meu (minha) parceiro(a) do que no próprio relacionamento sexual.

Escala P: padrões estéticos

- 2 – As telenovelas estão mais interessantes em razão dos modelos que formam o elenco.
- 3 – Espera-se que a maior parte dos atores de telenovelas sejam brancos.
- 6 – Homem careca não é atraente.
- 7 – Pessoas com músculos enrijecidos e definidos são maravilhosas.
- 8 – Beleza não combina com obesidade.
- 9 – A flacidez corporal prejudica demais a beleza.
- 10 – A cor branca é indispensável para o indivíduo que trabalha com o público.
- 11 – Cabelo crespo não é bom.
- 12 – Barriga é sinônimo de feiúra.
- 13 – Pessoas muito magras não são atraentes.
- 14 – As mulheres mais sensuais são aquelas com bumbum grande e empinado.
- 15 – Seios volumosos e rígidos são indispensáveis para chamar a atenção das pessoas.